



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação



Mariana Alves Leal da Silva

USO DA BIBLIOTERAPIA EM PACIENTES DE PEDIATRIA: o caso do Projeto
Biblioteca Viva em Hospitais.

Rio de Janeiro
2013

Mariana Alves Leal da Silva

USO DA BIBLIOTERAPIA EM PACIENTES DE PEDIATRIA: o caso do Projeto
Biblioteca Viva em Hospitais.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de
Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro
como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel
em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof. Mariza Russo

Coorientadora: Prof. Cristina Paiva

Rio de Janeiro
2013

S586u Silva, Mariana Alves Leal da.

Uso da biblioterapia em pacientes de pediatria: o caso do Projeto Biblioteca Viva em Hospitais. / Mariana Alves Leal da Silva; Rio de Janeiro, 2013.
42f. ; 41 cm.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Mariza Russo. Coorientadora: Cristina Paiva.

1. Biblioterapia. 2. Mediação de Leitura. 3. Leitura. 4. Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). 5. Projeto Biblioteca Viva em Hospitais I. Russo, Mariza. II. Paiva, Cristina. III. Título.

CDD: 615.8516

Mariana Alves Leal da Silva

Uso da Biblioterapia em pacientes de pediatria: o caso do Projeto Biblioteca Viva em
Hospitais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

BANCA EXAMINADORA:

Aprovado em:

Prof.^a Mariza Russo
Doutora em Engenharia de Produção
Orientadora

Prof.^a Cristina Paiva
Especialista em Mediação de Leitura
Coorientadora

Prof. Sebastião Amoedo
Doutor em Comunicação
Professor convidado

Prof.^a Ana Maria Senna
Mestre em Ciência da Informação
Professora convidada

RESUMO

SILVA, Mariana Alves Leal da. **Uso da Biblioterapia em pacientes de pediatria: o caso do Projeto Biblioteca Viva em Hospitais**. 2013. 42 f. Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. Faculdade de Administração e Ciências Contábeis. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

Pesquisas têm demonstrado que no Brasil são poucos os cidadãos que podem ser considerados, de fato, leitores. O desinteresse pelo livro pode ser observado pelas crianças brasileiras que não possuem o costume e o gosto pela leitura. Esta falta de hábito de ler não vem de hoje, deriva do passado, onde, por diversos motivos, a leitura não era disseminada, o alto preço dos livros, o aparecimento da imprensa tardia, o número elevado de analfabetos na época, entre outros. Alguns anos mais tarde, o governo desperta para o problema da leitura e dissemina mais o seu incentivo, mas com ênfase apenas em determinadas regiões do país, que eram as sedes do governo.

Na tentativa de, não somente levar a leitura para a maior quantidade possível de pessoas, mas também, de formar brasileiros leitores, surgiram diversos projetos com o foco no incentivo à leitura. Um destes projetos, que será o objeto deste estudo, se constitui no Projeto Biblioteca Viva (PBV) com o foco em hospitais.

O PBV surgiu com o intuito de levar o mundo literário para o maior número de pessoas possíveis. O presente trabalho consiste na convivência e observação do PBV no Instituto de Pediatria e Puericultura Martagão Gesteira (IPPMG), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tem o propósito de averiguar se, de fato, por meio da mediação de leitura, há a melhora física dos pacientes internados e, ainda, avaliar se ocorre o desenvolvimento intelectual dos enfermos beneficiados pelo PBV.

Palavras-Chave: Biblioterapia. Mediação de Leitura. Leitura. Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). Projeto Biblioteca Viva em Hospitais.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
1.1	Justificativa	7
1.2	Objetivos	7
<i>1.2.1</i>	<i>Objetivo Geral</i>	<i>7</i>
<i>1.2.2</i>	<i>Objetivos Específicos</i>	<i>8</i>
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1	Leitura	9
<i>2.1.1</i>	<i>O Ato de Ler</i>	<i>10</i>
<i>2.1.2</i>	<i>Retratos da Leitura no Brasil</i>	<i>15</i>
<i>2.1.3</i>	<i>Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)</i>	<i>18</i>
2.2	Mediação da Leitura	26
<i>2.2.1</i>	<i>Mediação da Leitura & Formação em Biblioteconomia</i>	<i>27</i>
<i>2.2.2</i>	<i>Projeto Biblioteca Viva</i>	<i>27</i>
2.3	Biblioterapia	31
3	METODOLOGIA	36
4	RESULTADOS	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Não há dúvida de que a leitura é imprescindível para qualquer indivíduo. Este ato se encontra presente em muitos espaços como: cartazes, *outdoors*, revistas, jornais, panfletos, computadores, documentos, entre outros. “A vida moderna exige do indivíduo cada vez mais a capacidade de ler e escrever. A leitura é um instrumento de desenvolvimento pessoal e de exercício da cidadania.” (ABRINQ, 2005). Entretanto, apesar de a leitura ser algo tão presente no cotidiano das pessoas, muitos dos brasileiros não são considerados leitores. Há ainda no país um grande contingente de analfabetos funcionais, isto é, são pessoas que foram alfabetizadas na escola, mas não conseguem assimilar informações que estão lendo, mesmo que seja um texto simples e curto. Isso se deve ao fato de no país não haver políticas que se ocupem, de fato, com o problema da educação. Os programas para incentivar a leitura e melhorar a educação no Brasil não partem dos governantes, na maioria das vezes, mas sim, de pessoas que veem o problema e querem ajudar ou de instituições, em grande parte privadas, que realizam políticas sociais e avistam na educação a melhor forma de melhoria do país. A citação de Wolf (2011, p.8) ressalta esta questão:

Falta no Brasil não somente uma democratização ao acesso aos veículos de leitura, como também uma disposição de recursos e meios técnicos para ampliar o público leitor, pois cada um carrega parte da responsabilidade de dar continuidade à verbalização de ideias, ou seja, progredir no que tange a novas leituras.

Percebe-se, assim, a necessidade de comprometimento do governo, que por sua vez, precisa propor mudanças para solucionar e melhorar o padrão de ensino nas escolas públicas. A capacitação dos professores, o aumento do número de bibliotecas e o incentivo à leitura de forma prazerosa, são algumas das mudanças a serem implementadas.

Um agravante a este cenário consiste no fato de que a maioria dos “leitores” do Brasil, jovens e adolescentes leem mais, pois, se encontram na escola, estão forçados a ler, não somente livros literários, mas também, livros didáticos. Por ter esta obrigação na escola, os jovens acabam não ficando com uma boa impressão do livro. Às vezes, por castigo, acabam recebendo mais tarefas de leitura o que pode gerar uma aversão ao livro. Fica claro que “as escolas estão falhando em sua maior responsabilidade, que compreende a criação de leitores, já que está [sic] dando acesso aos livros, mas não fomentando o interesse e o gosto” (CAMARGO, 2011, p. 28).

Ao contrário do que acontece, o livro deve ser apresentado de uma forma acolhedora, principalmente para os mais jovens e não como forma de obrigação. As pessoas devem ter a noção que o livro é também, uma fonte de diversão e prazer.

Na tentativa de modificar esse cenário, o governo federal lançou em 2006, um plano com a finalidade de amenizar os problemas com a leitura no país, o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). Esta iniciativa será mais abordada na seção 2.1.3 do presente trabalho.

1.1 Justificativa

O projeto Biblioteca Viva (PBV), desenvolvido em hospitais envolve ações de leitura, por todo o país, para crianças internadas, com o intuito de auxiliar o tratamento das mesmas por intermédio da literatura. Assim, introduz o livro na vida desses pacientes, visando torná-los futuros leitores, pois o livro é apresentado às crianças de forma agradável, o que torna mais fácil o interesse pelo universo da leitura.

Por outro lado, o governo percebeu, também, que crianças hospitalizadas com doenças graves poderiam se beneficiar da atividade de leitura, para com isso diminuir seu sofrimento, dando-lhes conforto e prazer neste momento difícil de suas vidas. Foi, então, criado, em 2001, o Projeto Biblioteca Viva nos Hospitais.

1.2 Objetivos

A seguir são apresentados os objetivos do trabalho.

1.2.1 Objetivo Geral

Verificar se a atividade de leitura para pacientes infantis, atendidos no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG¹) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (URFJ) auxilia no seu tratamento.

¹ O IPPMG é um Centro de Referência Nacional de Promoção da Saúde para o Programa de Assistência Integral à Saúde da Criança e Aleitamento Materno, do MS, além de manter em suas dependências o Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFRJ. Portanto é uma instituição na qual as suas atividades convergem para o ensino, para a investigação científica e para a saúde da criança, dos adolescentes e de seus familiares.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Analisar as atividades de leitura oferecidas no ambulatório e enfermarias do IPPMG / UFRJ.
- b) Observar o trabalho dos mediadores, para constatar o desenvolvimento do relacionamento dos mediadores com as crianças do hospital.
- c) Verificar como é realizada a seleção do acervo para a atividade de leitura.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste tópico, serão abordados os principais temas do presente trabalho, a saber: leitura e suas aplicações na mediação de leitura e na biblioterapia.

2.1 Leitura

Os brasileiros leem muito pouco e são necessárias práticas para que seja ampliado o contingente de leitores no Brasil. É por intermédio da leitura que se pode construir um país mais justo e igualitário. Lendo mais o país cresce intelectualmente, a produção acadêmica aflora e o país se torna mais visível mundialmente.

O governo brasileiro não instiga, de forma satisfatória, o gosto pela literatura apesar da existência do Instituto Pró-Livro (IPL). Este instituto, que foi criado, em 2006, e é mantido pelas entidades Abrelivros, Câmara Brasileira do Livro (CBL) e pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), possui o objetivo precípua de incitar a leitura e difundir o livro.

O IPL tem com estratégia principal o desenvolvimento de ações que subsidiem a ampliação de políticas públicas sobre leitura. Esse intuito de desenvolvimento é realizado por meio de projetos diretos ou de apoio a programas selecionados que envolvem a disseminação da leitura feita por órgãos públicos ou organizações sem fins lucrativos.

Exemplos destes programas são os projetos de biblioterapia e de mediação de leitura. A biblioterapia é um conjunto de práticas de leitura aplicadas a pessoas e utilizadas de forma terapêutica, como ressalta o conceito a seguir: “Biblioterapia é o uso consciente e deliberado de materiais de leitura com propósito de alargar ou dar suporte ao programa terapêutico como um todo”. (VASQUEZ, apud SEITZ, 2006, p. 18). A mediação de leitura, por sua vez, também é prática de leitura, porém, utilizada para disseminar a literatura para outros de forma livre. Em seu conceito, “Mediação de leitura é o ato de ler para crianças, jovens ou adultos de uma maneira livre e prazerosa”. (FUNDAÇÃO ABRINQ, 2001, p. 40).

Ações biblioterapêuticas ou de mediação de leitura são muito relevantes, pois servem para alavancar a leitura no país e apresentar a literatura, contribuindo assim para a formação de mais leitores.

2.1.1 O Ato de Ler

A palavra ler deriva do latim “lego/legere”, que significa recolher, apanhar, escolher, captar com os olhos. Entretanto, a leitura possui um significado mais abrangente e importante nos dias de hoje; é imprescindível para o desenvolvimento pleno do ser humano. É por meio da leitura que nós humanos podemos acessar informações, que depois se transformam em conhecimento.

Ecco (apud RUIZ, 2002, Não paginado) diz que “a leitura é muito importante, pois [...] amplia e integra conhecimentos [...], abrindo cada vez mais os horizontes do saber, enriquecendo o vocabulário e a facilidade de comunicação, disciplinando a mente e alargando a consciência”. Quanto mais conhecimento o indivíduo adquire com o ato de ler, mais está apto ao sucesso, pois, de acordo com Ruiz (2002), no mundo globalizado de hoje, o sucesso em quaisquer carreiras está diretamente ligado ao hábito proveitoso da leitura. Seitz (2006, p. 38) afirma que:

Estudos apontam para a importância de considerar a leitura como um processo onde o indivíduo tenha habilidade para, além de decifrar sinais compreendê-los. A leitura é uma procura incessante de significados e, quanto mais o indivíduo ler, mais preparado estará para interpretar o mundo, passando a dominar o saber, cujo propósito básico é a apreensão dos significados mediatizados ou fixados pelo discurso escrito. Portanto, toda leitura de um texto é individual, sendo o texto plurissignificativo: cada pessoa, dependendo da sua vivência pessoal, atribui um determinado significado. [...] O ato de ler não é apenas ver o que está escrito. Ler é ser questionado pelo mundo e por si mesmo, é saber que certas respostas podem ser encontradas na produção escrita; é poder ter acesso ao escrito; é construir uma resposta que entrelace informações novas aquelas que já possuía. [...] proporciona a possibilidade de diálogo para além do tempo e do espaço; é o alojamento do mundo para além dos limites de nosso quarto, mesmo sem sairmos de casa; é a exploração de experiências mais variadas, quando não podemos viver realmente. Por meio da leitura, em um ato aparentemente solitário, podemos dialogar com meios sociais e geográficos muito distantes do nosso, podemos dialogar com passados remotos e vivenciar experiências de outros momentos históricos.

Para os amantes da leitura, ler não é meramente uma atividade de prazer. Ler se torna para estes uma forma de conhecer, viajar e experimentar o novo. É estar vivo e contemplar experiências diversas. Maria (apud SEITZ, 2006, p.38) afirma que:

Ler é uma experiência. Ler sobre uma tempestade não é o mesmo que estar em uma tempestade, mas ambas são experiências [...] Não vivemos para adquirir informação, mas a informação, assim como o conhecimento, sabedoria, habilidades, atitudes e satisfações vêm com a experiência de estar vivo.

Ler e escrever, hoje, são práticas inseparáveis, pois, aprendemos a ler e escrever ao mesmo tempo, mas nem sempre foi assim. Nos tempos antigos, a leitura era mais difundida do que a escrita. De acordo com Chatier (apud SEITZ, 2006, p. 35):

Em meados do século XVIII, era grande a distância que separava a capacidade de escrever com a de ler. Na Suíça, por exemplo, apenas 20% das pessoas sabiam escrever, enquanto 80% sabiam ler. Na Inglaterra Luterana, foi realizada uma grande campanha de leitura, apenas de leitura, para que as pessoas pudessem ler a com os próprios olhos a “Palavra Sagrada”.

A escrita não era bem vista nesta época, era considerada, principalmente por causa da grande maioria dos leitores serem mulheres, uma atividade bastante perigosa. A leitura fazia parte da educação feminina. O clero não permitia a difusão da escrita, pois monopolizava o conhecimento, acreditando que sua disseminação seria um ato profano.

A leitura silenciosa surgiu entre os séculos XVI e XVIII como uma nova prática de leitura e contribuiu muito para a produção de novos conhecimentos. A leitura silenciosa possibilitou que os leitores de fato, assim considerados como as pessoas capazes de ler em silêncio, se envolvessem mais com os livros, criassem um vínculo mais profundo com o conhecimento dos livros e, com isso, a produção intelectual aumentaria. Lajolo (apud SEITZ, 2006, p. 37) diz:

Ler não é decifrar, como um jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de o texto ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela propondo outra não prevista.

Desses leitores, muitos construíram uma biblioteca própria, que era destinada à prática da leitura silenciosa, assim a biblioteca se tornou um ambiente calmo e tranquilo para meditação e reflexão.

No Brasil, a disseminação da leitura ocorreu de forma mais árdua e lenta. Os leitores brasileiros, no início do século XIX, eram uma minoria irrisória comparados com o tamanho da população existente, dentre outros fatores, Seitz (2006, p. 37) afirma:

Dificuldades como o aparecimento tardio da imprensa, o número elevado de analfabetos, a carência de livros, o preço dos mesmos, contribuíram para que o Brasil vegetasse intelectualmente. Somente a imprensa real possuía o domínio da

produção escrita e, através de alvarás reais, representava o Estado como mediador da venda, impressão e importação de obras. Porém, na segunda metade do século XIX, o Estado iniciou a formação de contratos com outras editoras para publicar obras didáticas que, ligadas às escolas, tinham curso certo de negociação.

Ainda, segundo Lajolo e Zilberman (apud SEITZ, 2006, p. 36):

Só por volta de 1840 o Brasil do Rio de Janeiro, sede da monarquia, passa a exhibir alguns traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora: estavam presentes os mecanismos mínimos para a produção e circulação da literatura; como tipografias, livrarias e bibliotecas; a escolarização era precária, mas manifestava-se o movimento visando à melhoria do sistema; o capitalismo ensaiava seus primeiros passos graças à expansão da cafeicultura e dos interesses econômicos britânicos, que queriam um mercado cativo, mas em constante progresso.

Com o aumento de leitores no país, a atividade de impressão de obras aumentou, o que a viabilizou como atividade empresarial. Sendo assim, as escolas foram mais bem preparadas para a alfabetização da sociedade. Entretanto, foi no final da década de 1960 que começou uma preocupação maior com o hábito de leitura dos jovens no país.

No começo do século XX, os livros em português não eram abundantes, o Brasil era submetido a uma forte influência francesa, principalmente o Rio de Janeiro. Não haviam editores brasileiros, porém, os leitores conseguiam achar bons livros, a maioria não estava traduzida, os que se encontravam em português eram editados em Portugal ou na França. Entretanto, houve uma exceção, o criador da revista mais duradoura da época, a *Marmota Fluminense*, o senhor Francisco de Paula Brito, era um editor brasileiro, e publicou escritores como Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães. No Rio, existiam duas livrarias de destaque, a Garnier e a Laemmert que eram, na verdade editoras, e foram responsáveis pela separação das publicações dos livros e jornais. A Garnier investia bastante em literatura, importava muita literatura francesa, o que agradava à nobreza da época, contudo, investia, também, em escritores nacionais como Machado de Assis, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Silvio Romero, Olavo Bilac, entre outros. Para os livros escritos por brasileiros os irmãos Garnier mantinham um funcionário responsável pelas impressões brasileiras, já que, todas eram feitas na Europa (FEIJÓ, [2002?]).

Nas escolas do Brasil, os livros didáticos eram importados de Portugal, não havia porque produzir livros nacionais para as escolas, pelo lado econômico, e com o número baixo de alunos. O português Francisco Alves foi o primeiro a conseguir fazer dos livros didáticos sua

principal fonte de renda e negócios. Antes os editores-livreiros tentavam ter algo para oferecer as escolas, mas, todos falhavam. Nicolau Alves, dono da Livraria Clássica, chamou seu sobrinho Francisco Alves para trabalhar na livraria; após um período, Francisco se tornou o único dono, e conquistou o mercado didático da escola primária. Com os negócios sempre em expansão, em 1910, comprou a Laemmert, e em suas obras constava os paradidáticos intitulados “Lições de coisas: manual de ensino elementar para pais e professores”, de Norman Allison Calkins, este traduzido e adaptado por Rui Barbosa, para regiões de língua portuguesa; “Através do Brasil”, escrito por Olavo Bilac e Manoel Bomfim, um livro barato, sem luxo e envolvente, o qual foi o primeiro livro escrito por brasileiros a ir para as salas de aula do país, mas estes também eram impressos na França por não haver máquinas adequadas para a impressão no Brasil, como pode ser comprovado pela citação a seguir.

Apesar das constantes e furiosas reclamações dos tipógrafos do Rio de Janeiro, os irmãos Garnier e também Francisco Alves não imprimiam seus bons livros no Brasil porque aqui não havia máquinas adequadas para imprimir livros. Muitos editores imprimiam livros no Brasil em gráficas improvisadas. Como assim improvisadas? Máquinas de imprimir jornais eram adaptadas para imprimir livros (o que comprometia seriamente a qualidade do resultado final) e o uso intenso de mão-de-obra compensava a carência de vários equipamentos específicos (o que não era economicamente rentável). Por isso todas as editoras que nasceram de livrarias, como a Garnier e a Francisco Alves, por uma questão de preço e qualidade, mandavam imprimir seus livros no exterior. As editoras que imprimiam no Brasil eram as nascidas a partir de tipografias – não usar as próprias máquinas lhes parecia um contra-senso. (FEIJÓ, [2002?], p.5)

Com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), as importações da Europa estavam ameaçadas, sendo a grande chance para as indústrias de papel e gráfica nacionais. Em 1912, no setor do papel, os irmãos Weizflog, futuramente donos da Melhoramentos, se destacavam pela qualidade de seus produtos, principalmente mapas e cadernos de caligrafia, e assim, conseguiram a editora Francisco Alves como cliente. Juntos, em 1915, publicaram o “Patinho Feio”, de Hans Christian Andersen, que foi traduzido e adaptado para as crianças brasileiras, com isso, se inicia o acervo voltado para a Biblioteca Infantil.

José Renato Monteiro Lobato, nascido em 1882, que anos depois mudou seu nome para José Bento, mesmo nome de seu pai, revolucionou a indústria gráfica brasileira. Já escritor em 1918, comprou a empresa Revista do Brasil, e ao longo de sua carreira possuiu também a Monteiro Lobato & Cia, a Companhia Editora Nacional e a Brasiliense. Lobato investiu bastante em seu parque gráfico; analisava toda a impressão e se preocupava com a qualidade do material de seus livros. Importava máquinas modernas e adequadas para sua editora e

cuidava das apresentações dos livros. Em 1920, Lobato se aventura na literatura infantil e não mede esforços para divulgar seu lançamento chamado “A menina do narizinho arrebitado”. Assim, lançou livros genuinamente nacionais, escritos, editados, impressos e, principalmente, feitos para brasileiros. Nasce a série do “Sítio do Pica Pau Amarelo”, na qual os personagens são da realidade brasileira, com os quais os leitores se identificam, pois os heróis são crianças. A construção do universo de histórias criadas com os clássicos estrangeiros e mais o folclore do Brasil acabam se tornando histórias únicas, ricas e que conquistaram a todos. Feijó (2002, p. 12) concorda com esta ideia:

A invenção da menina Narizinho era, claro, o início da série Sítio do Picapau Amarelo, na qual Lobato usaria e abusaria das adaptações de textos estrangeiros (Peter Pan e os piratas, os trabalhos de Hércules, Hans Staden), bem como de desenhos animados (o Gato Félix) e histórias em quadrinhos (o marinheiro Popeye). De certa maneira, Lobato processou todas as possíveis influências a agir sobre o universo infantil dos anos 20 e 30 para construir um universo narrativo próprio, híbrido e riquíssimo em paródias. Não havia personagem estrangeiro, ou deus grego, que diante das artes de Emília, não acabasse “caindo de quatro”. Em Os Doze Trabalhos de Hércules, por exemplo, o grande herói dos heróis não seria ninguém sem a fiel colaboração de Emília, Pedrinho e Visconde. Por trás da poderosa lenda estava o jeitinho brasileiro.

Em 1924, a Monteiro Lobato & Cia contraiu muitas dívidas e, em 1925, houve uma seca que resultou em um racionamento de energia na cidade de São Paulo. As máquinas não poderiam funcionar sem a energia e, por isso, um tempo depois a empresa abriu falência. Porém, com o fechamento, surgiram a São Paulo Editora e a Editora Revista dos Tribunais, ambas muito bem equipadas com máquinas modernas que eram da empresa falida. Anos mais tarde, saindo da Editora Nacional, que continuou plena em seus negócios, Lobato como bom empreendedor, investiu na Bolsa de valores de Nova York e morou por lá até o *crack* da Bolsa de 1929, quando perdeu suas aplicações. Daí voltou para o Brasil e vendeu suas ações na Editora para investir em ferro e petróleo.

Na década de 1930, Getúlio Vargas criou os ministérios da Educação e da Saúde e um programa de educação básica, que reformou o ensino e possibilitou um aumento, não só do público leitor, mas também do número de estudantes o que beneficiou o mercado didático e paradidático. Para o programa, o governo convidou para a assessoria o educador Fernando de Azevedo, juntamente com a Editora Nacional, surgindo assim a “Biblioteca Pedagógica Brasileira”. Com as políticas criadas por Vargas, a competitividade dos livros nacionais ficou acirrada, e os livros estrangeiros foram encarecidos com as taxas de importação.

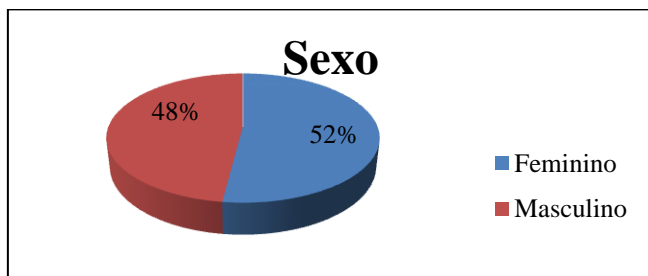
Desde então, até os dias de hoje, foram criados pelo governo alguns programas com o intuito de auxiliar as famílias com dificuldades, para que mantenham as crianças na escola. Assim, o número de estudantes aumentou desde a década de 1930, mas o processo para melhorar a qualidade do ensino no país continua.

2.1.2 Retratos da Leitura no Brasil

Uma pesquisa elaborada pelo IPL, denominada “Retratos da Leitura no Brasil”, realizada em 2011 no período de 11 de junho a 3 de julho, teve como objetivo principal medir intensidade, forma, motivação e as condições de leitura em nosso país. Esta é a terceira edição da pesquisa no país; a primeira edição foi em 2001 e a segunda foi em 2008. Para realização desta pesquisa, foi necessário conhecer o perfil dos leitores e não leitores e suas preferências, o acesso aos livros, por exemplo. Esses dados foram coletados por meio de entrevistas pessoais em todo o Brasil. Diferentemente da 2ª edição, em que os locais foram sorteados, nesta, os municípios foram selecionados e o número das entrevistas foi proporcional ao tamanho de tais municípios, usando o método chamado de Probabilidade Proporcional ao Tamanho (PPT). Para o conhecimento do perfil dos brasileiros foi utilizada para embasamento a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do ano de 2009.

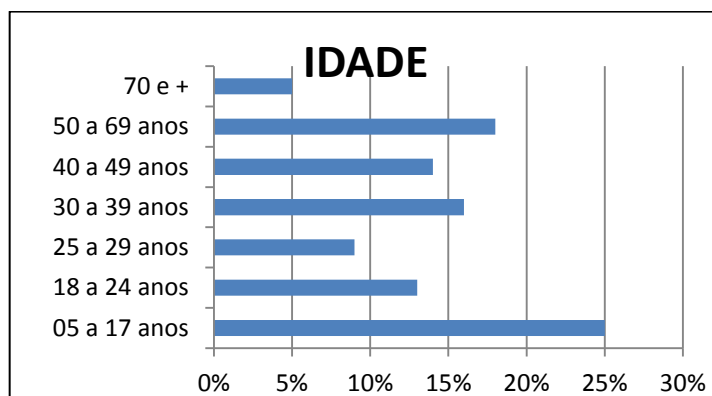
Diferentemente da pesquisa de 2008, a pesquisa de 2011 mostra brasileiros acima de cinco anos de idade e não somente acima dos quatorze (14) e demonstra como houve evolução ao revelar dados de todo o Brasil. Em 2008, ocorreram as entrevistas somente em 46 cidades, enquanto que em 2010 foram escolhidos 315 municípios. Na totalidade, foram realizadas 5.012 entrevistas em todos os estados brasileiros. As pessoas participantes da pesquisa foram divididas proporcionalmente segundo variáveis de: Sexo, Idade e Escolaridade (Ver gráficos 1, 2 e 3).

Gráfico 1 - Sexo dos Entrevistados



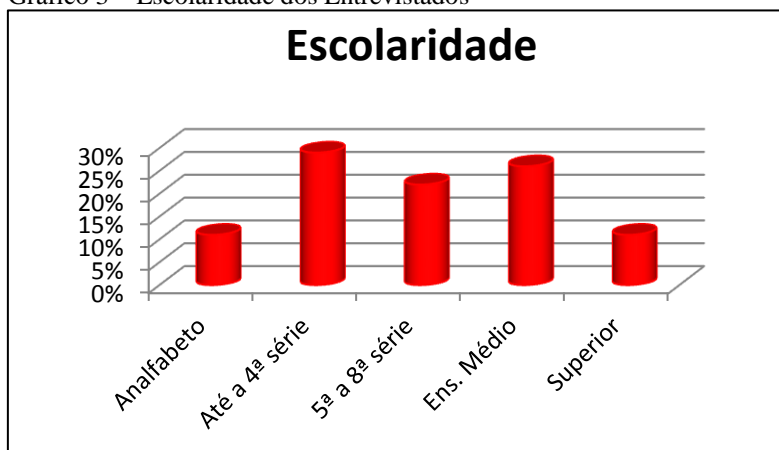
Fonte: RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, 2011.

Gráfico 2 - Idade dos Entrevistados



Fonte: RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, 2011.

Gráfico 3 – Escolaridade dos Entrevistados



Fonte: RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, 2011.

De acordo com estes gráficos, pode ser percebido que o sexo predominante dos entrevistados é o feminino; a idade da maioria dos leitores encontra-se na faixa etária entre 05 e 17 anos e; a escolaridade da população entrevistada possui até a 4ª série do ensino fundamental. A

pesquisa revelou, também, dados consideráveis sobre a preferência da população sobre o que fazem e seu tempo livre, por exemplo. O grande *hobbie* dos brasileiros, que é assistir televisão, corresponde a 85%; ouvir música ou rádio fica em segundo lugar com 52% e a atividade de leitura (incluindo livros, jornais, revistas, textos na internet) fica com 28%. Ao longo dos anos o gosto pela leitura aumentou, mas não de forma satisfatória para que o Brasil se tornasse, de fato, um país de leitores, comparando-se com países desenvolvidos da Europa, por exemplo, onde a população leitora alcança cerca de 90%.

Em se tratando de questões sobre a leitura, a pesquisa mostra que a maioria dos indivíduos entende a importância da leitura. Cerca de 64% compreende que a leitura é uma fonte de conhecimento para a vida, 41% acha que é fonte de conhecimento e atualização profissional, para 21% a atividade é prazerosa, e 64% concorda plenamente com a afirmação “Ler bastante pode fazer uma pessoa vencer na vida e melhorar a sua situação socioeconômica.” (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, 2011, p. 52). Isso mostra que a maioria dos entrevistados tem ciência da grande importância do hábito da leitura para seu desenvolvimento intelectual.

Em comparação com a pesquisa anterior (de 2008), a média de livros lidos era de 2,7 em três meses; na pesquisa atual, a média de livros lidos decresce para 1,85 o mesmo período. Ressaltando que um indivíduo é considerado, de fato, leitor, se tiver lido ao menos um livro inteiro ou partes de um livro, no período máximo de três meses, até a entrevista. Os leitores mais assíduos estão no sudeste brasileiro, com 43% da população leitora do país.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil mostra que os principais influenciadores da leitura em 1º lugar são os professores e em 2º as mães (ou responsáveis do sexo feminino) e em 3º os pais (ou responsáveis do sexo masculino); por isso, é de extrema importância o trabalho conjunto entre pais e professores para estimular a leitura. A escola é lugar, não somente para educar, mas também para mostrar como prazerosa pode ser a literatura. Para isso, o trabalho de professores deve ser concomitante ao do bibliotecário, que por sua vez, pode abrir as portas do imaginário e mostrar os caminhos de acordo com as necessidades de cada novo leitor.

2.1.3 *Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)*

O Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) foi concebido a partir de um compromisso do governo federal, a fim de construir políticas públicas e culturais baseadas em debate com a sociedade e setores interessados no assunto. O PNLL apresenta normas que, por sua vez, visam à leitura e o livro no país, dando uma atenção especial para as bibliotecas e para a formação de mediadores de leitura, que são fomentadores do desenvolvimento social e da cidadania de forma mais igualitária e justa. Este plano possui dimensão de uma Política de Estado, assim, é coordenado por ministérios, principalmente da Cultura e Educação, governos estaduais e municipais, empresas privadas e públicas e de voluntários em geral. Com uma diversidade de coordenadores o programa fica mais habilitado a alcançar sinergia, objetividade e resultados, de acordo com as metas estabelecidas de cada programa (PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA, 2006).

São quatro pontos principais que são utilizados para organizar e orientar o Plano:

- Democratização do acesso;
- Fomento à leitura e à formação de mediadores;
- Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico;
- Desenvolvimento da economia do livro.

As diretrizes do PNLL foram consolidadas após debates, que aconteceram em todas as regiões do Brasil; videoconferências também foram realizadas, uma delas abrangendo todo o país com transmissão ao vivo pela internet com interação nacional, sendo até acompanhadas por outros países. Mesas-redondas, colóquios, oficinas e seminários, também foram realizados para discutir sobre o tema antes de sua implantação, que ocorreu em 2006.

Após muito trabalho e todas as discussões envolvidas para elaborar uma política completa, havia a necessidade de avaliação do projeto, para verificar se o mesmo estava evoluindo, ou precisando de modificações, correções, enfim, avaliar o desenvolvimento do PNLL. Por isso, de dezembro de 2009 a fevereiro de 2010, foram realizadas 24 assembleias estaduais do livro e da leitura reunindo gestores públicos, representantes de organizações da sociedade civil e profissionais vinculados com livros, pois assim a avaliação poderia contar com as mais

variadas óticas e perspectivas, diminuindo as chances de possíveis vieses (PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA, 2006).

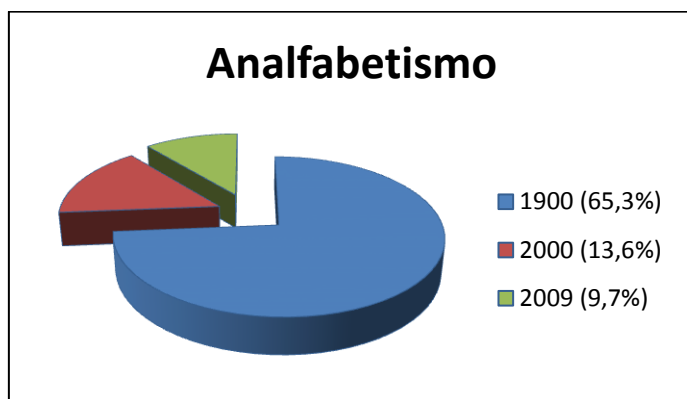
A avaliação do plano foi bastante positiva, pois só foram acrescentadas algumas melhorias, suas diretrizes e conceitos permaneceram os mesmos. Porém, para dar continuidade ao sucesso e não deixar o plano estagnar seria necessário modificar o tema da leitura e do livro em Política de Estado, e para isso, alguns itens são destacados:

- Elevar como lei federal o PNLL, dando-lhe institucionalidade estável ao mesmo tempo em que traduz a Política de Estado para a leitura e o livro, plenamente assumida pelo governo federal;
- O fortalecimento do Colegiado Setorial do Livro, Leitura e Literatura do Ministério da Cultura (MinC), fórum permanente entre Estado e Sociedade, tais como espaço institucional por excelência para o debate e a construção de consenso, avaliando e fazendo avançar políticas setoriais, contribuindo para o amadurecimento do processo, legitimando e criando proteções institucionais a essas políticas;
- Fixação de marcos legais, com base na Constituição, que tornem viáveis as políticas, os programas, os projetos e as ações continuadas preconizadas pelo Plano, como a Lei da Desoneração Fiscal do Livro (Lei Federal n.º 11.030, de 21/12/2004, combinada com a Lei Federal n.º 10.856, de 30/04/2004), os decretos que instituíram e atribuíram responsabilidades aos ministérios, especialmente os da Cultura e Educação, ao Sistema Nacional de Cultura e ao Plano Nacional de Cultura; a Lei do Livro (Lei Federal n.º 10.753, de 30/10/2003), e ainda, a Lei n.º 9.610, de 19/02/1998, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências a todo esse conjunto de marcos legais, gerando decretos, portarias e instruções normativas com desdobramentos no âmbito dos estados e dos municípios;
- A institucionalização de uma nova estrutura de governo, que deve ser consolidada e/ou instituída no âmbito da administração pública federal para a área da leitura e do livro (e, por conseguinte, da biblioteca e da formação de mediadores) e que contemple o novo patamar atingido pela articulação entre o MEC e o MinC no que se refere às questões em pauta. No âmbito do debate construiu-se a proposta de criação do Instituto Nacional do Livro, Leitura, e Literatura, autarquia vinculada ao MinC que

ocuparia o lugar almejado para a operacionalidade e governança da política nacional do livro, leitura e literatura.

Pesquisas realizadas ao longo dos últimos anos mostram a realidade dos brasileiros com relação à leitura e escrita, e ilustram ainda mais a necessidade da criação de um plano que fosse inteiramente voltado para o livro e a leitura. Essas pesquisas foram feitas por diversos institutos como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC), Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), entre outros, cujos dados são apresentados no gráfico 4, a seguir.

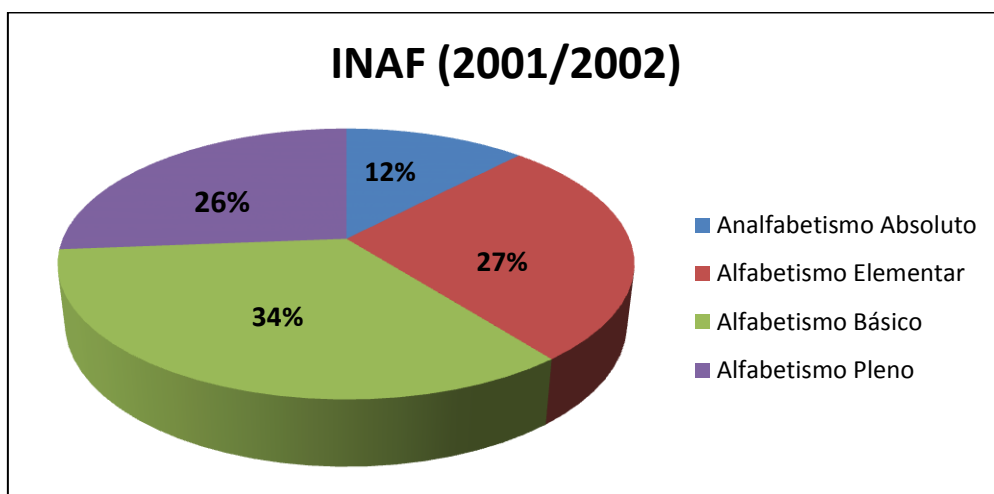
Gráfico 4 – Analfabetismo Brasileiro



Fonte: Plano Nacional do Livro e da Leitura, 2012

De acordo com o gráfico 4, pode ser notada a melhora em 100 anos com relação aos brasileiros analfabetos, e em quase uma década esse número diminuiu ainda mais. Percebe-se com isso, que o Brasil está caminhando para se tornar um país alfabetizado, porém, em ritmo lento e desacelerado. No ano 2000, o percentual de analfabetos (13,6%) correspondia a cerca de 14 milhões de brasileiros que não sabiam escrever o próprio nome, no entanto, as pesquisas demonstraram que o país apresentava um total de 29,5 milhões de analfabetos funcionais (que leem palavras pequenas, escrevem o nome, mas não são capazes de assimilar um texto longo). Outra pesquisa relevante, não somente para a construção do plano, mas também, mostrar os níveis de analfabetismo em que estão os brasileiros, foi realizada uma pesquisa em 2001/2002, pelo Instituto Paulo Montenegro (Ibope pela Educação) denominada Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF), a qual determinou quatro níveis do alfabetismo, levando em consideração o letramento (escrita/leitura) e numeração (matemática). A pesquisa foi feita com pessoas entre 15 e 64 anos de idade (Gráfico 5).

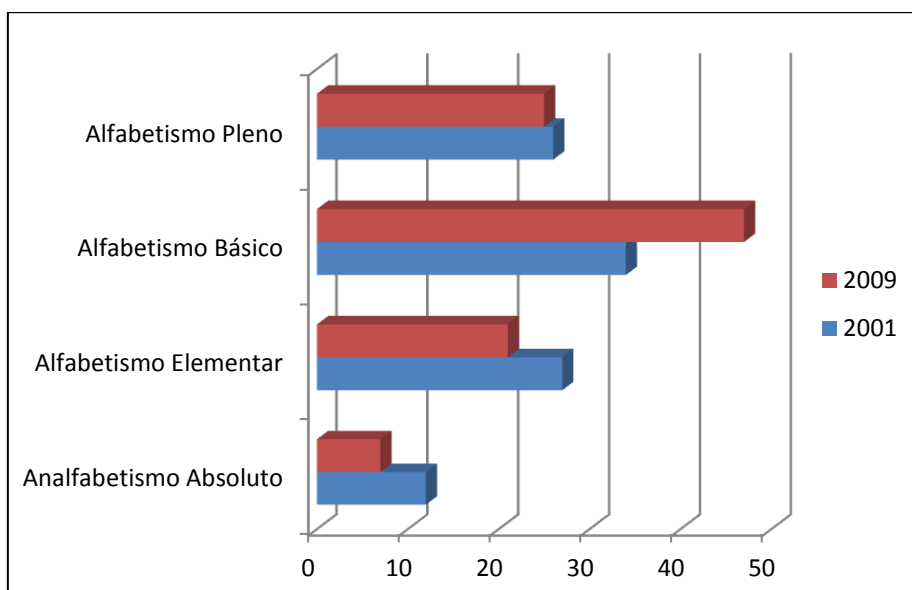
Gráfico 5 – Analfabetismo de acordo com o INAF



Fonte: Plano Nacional do Livro e da Leitura, 2012

Percebe-se, ao interpretar este gráfico, que a pesquisa foi realizada, também, em 2007 mantendo os índices praticamente estáveis, e em 2009, quando foi apresentada a sua última edição, o INAF apresentou uma melhora razoável em comparação ao primeiro ano da pesquisa em 2001 (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Comparativo INAF 2001/2009



Fonte: Plano Nacional do Livro e da Leitura, 2012.

Analisando-se Gráfico 6, pode-se notar, em 2009, uma redução no índice de analfabetismo absoluto e também no alfabetismo elementar, porém, no alfabetismo básico houve uma elevação de 13%, ou seja, aumentou o número de pessoas com o básico em letramento e numeração. Enquanto, o índice de alfabetismo pleno continuou estável em quase uma década.

O aumento nesses índices, porém, ainda precários para o Brasil se tornar, de fato, um país de leitores, se deve justamente ao fato, da falta de contato dos indivíduos com a leitura. Para que esse quadro seja revertido, deve haver um acréscimo nos investimentos por parte do governo. Contudo, de acordo com o PNLL, enquanto milhões de brasileiros passam de ano nas escolas e se tornam leitores em potencial, outros milhões saem pela porta dos fundos; em outras palavras, tornam-se alfabetizados funcionais. Uma medida encontrada pelo governo, que deixa explícita esta afirmação é a “Aprovação Automática”, que foi adotada nas escolas públicas. Essa medida consiste em não causar aos alunos a frustração da reprovação ao final do longo ano letivo, pois mesmo se o aluno não obtiver o conhecimento e os resultados necessários para ser bem avaliado, ele passa para o próximo ano na escola. A ideia das autoridades é que esse tipo de aprovação não causa aos alunos o desinteresse e os mesmos não são desestimulados a estudar, o que acontecia quando os índices de repetência eram muito elevados. Os alunos repetentes ficavam desmotivados com a reprovação e acabavam desistindo da escola, sendo essa a alegação do governo para adotar tal medida. Todavia, o governo acabou mascarando um problema grave de ensino: os alunos que podem levar mais tempo para aprendizagem, ou têm mais dificuldades que os outros e não conseguem aprender o básico, avançam mesmo assim nas fases escolares.

O Movimento Estudantil Popular Revolucionário² (MEPR) corrobora para esta afirmativa:

Que democracia é esta que diploma alunos analfabetos e semi-analfabetos do ensino fundamental, através da aprovação automática, ignorando as dificuldades de aprendizagem e não reconhecendo o direito dos alunos que necessitam de mais tempo para aprender? Negando a estes o tempo que necessitam, os estão excluindo, ou melhor, expulsando-os da escola. Sob a cínica alegação de não “interrupção do processo de aprendizagem”, negam o direito dos estudantes de ocuparem sua vaga na escola, durante o tempo que seja necessário a cada um, para adquirir, pelo menos os conhecimentos propostos no currículo. Reduzem, assim, o tempo e o número de chances dos alunos com dificuldades de aprendizagem assimilarem o conteúdo não absorvido, já que, ao terminar o ano letivo, obrigatoriamente, serão aprovados (leia-

² O MEPR existe desde 1995 e se guia por dois princípios, “*servir o povo de todo coração*” e “*ser tropa de choque da revolução*”. Luta por cumprir três tarefas principais: Agitar e propagandear a revolução; Organizar a luta das massas e; Combater o oportunismo.

se: expulsos) e na série seguinte, estarão estudando um conteúdo mais avançado, sem ter aprendido o conteúdo básico. Por exemplo, um aluno do primeiro ciclo (1ª à 4ª série) ao concluí-lo deveria dominar as quatro operações básicas da matemática (adição, subtração, multiplicação e divisão) pois, estas são fundamentais para que siga avançando para aprender as equações de primeiro grau. [...] mesmo não tendo assimilado as operações básicas, o aluno passa a estudar equações, acumulando conteúdos não absorvidos. (MOVIMENTO ESTUDANTIL POPULAR REVOLUCIONÁRIO, 2009).

As inúmeras pesquisas mostram que, por mais que o governo se esforce para colocar cada vez mais alunos na escola, ou seja, pensam pelo lado quantitativo, renunciam o lado qualitativo, onde não contemplam a boa educação e a aprendizagem real de seus brasileiros.

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), desenvolvido pelo Inep/MEC, em 2007, reafirma os números insatisfatórios das demais pesquisas realizadas. Apenas 27,9% dos alunos da 4ª série consegue atingir notas acima do recomendável. Cerca de 25% dos alunos da 8ª série e 13% dos alunos da 3ª série do Ensino Médio ainda não está no nível adequado para cursar a 4ª série do Ensino Fundamental I, dados extremamente preocupantes para a Educação do país. O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômicos (OCDE) reafirmou as pesquisas do SAEB, e dentre os países que participam da organização, o Brasil ficou com a pior posição no conceito de letramento, conceito que leva em consideração a capacidade de a pessoa ler os textos, adquirir conhecimento e utilizar as informações adquiridas para alcançar seus objetivos, comparando o Brasil com países como Qatar, Azerbaijão, Tunísia, Indonésia, entre outros, com números elevados de estudantes no nível 1 ou abaixo. O PNLL cita, também, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil que foi abordada na seção 2.1.2 deste trabalho.

De acordo com o PNLL, o acesso aos livros está diretamente ligado ao nível de alfabetização e investimentos na área.

O tortuoso acesso a livros em escolas a livros em escolas e bibliotecas somando ao baixo poder aquisitivo da absoluta maioria dos leitores propicia efetivamente alternativas escassas para que se concretize a leitura. E é preciso sublinhar que o acesso às bibliotecas é pequeno, não apenas por uma questão cultural que remonta à nossa longa história de iletramento, mas porque a rede de bibliotecas no país é reduzida, seja em termos quantitativos, seja em um plano qualitativo (PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA, 2006).

A Pesquisa de Informações Básicas Municipais (Munic), de 2003 e o IBGE enfatizaram a grande importância da biblioteca como agente cultural e social do país. Há pelo menos uma biblioteca em cerca de 97,8% dos municípios brasileiros, ou seja, em cada canto do país tem-se a possibilidade de fazer um país leitor e a biblioteca pode ser o grande elo para os potenciais leitores e os livros. Porém, a pesquisa não mostra como se desenvolvem as atividades nessas bibliotecas e, principalmente, se elas conseguem atingir as comunidades onde estão inseridas.

Enfim, para a criação de uma política voltada para o livro, é necessária a valorização do âmbito cultural como um todo. Há de se considerar a diversidade cultural nas inúmeras instâncias, que influenciam a cultura, não apenas na escola, tais como: a família, a mídia, as instituições voltadas ao lazer, à religião, à política etc. (PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA, 2006). A política para o livro tem como o objetivo principal a democratização do livro e da leitura e assegurar seu acesso, tendo o conhecimento de que leitura e escrita são instrumentos para o desenvolvimento social, cultural, individual, afetivo, de qualquer ser humano no tempo contemporâneo.

Há a convicção de que somente assim é possível que, na sociedade da informação e do conhecimento, o indivíduo exerça de maneira integral seus direitos, participe efetivamente dessa sociedade, melhore, em amplo sentido, seu nível educativo e cultural, fortaleça os valores democráticos, seja criativo, conheça os valores e modos de pensar de outras pessoas e culturas e tenha acesso às formas mais verticais do conhecimento e à herança cultural da humanidade. Trata-se da intensa valorização dos caminhos abertos ao indivíduo pela cultura escrita, sem que se deixe de reconhecer e se tente apoiar e preservar a cultura oral de nosso povo (PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA, 2006).

Para alcançar os objetivos e metas dos programas vinculados ao plano, seja de qualquer esfera governamental ou de qualquer setor privado, o PNLL aponta alguns itens para serem atingidos a curto, médio e longo prazos:

- a) Formar leitores, buscando, de maneira continuada, substantivo aumento de índice nacional de leitura (número de livros lidos por habitante/ano) em todas as faixas etárias e do nível qualitativo das leituras realizadas;
- b) Implantação, modernização e qualificação de acervos, equipamentos e instalações de bibliotecas de acesso público nos municípios brasileiros;
- c) Fomentar a formação de mediadores e agentes de leitura;

- d) Incentivar programas de bolsas de criação, formação, intercâmbio, pesquisa e residências literárias;
- e) Realização bienal de pesquisa nacional sobre leitura;
- f) Implementação e fomento de núcleos voltados a pesquisas, estudos e indicadores nas áreas da leitura e do livro em universidades e outros centros;
- g) Concessão de prêmio anual de reconhecimento a projetos e ações de fomento e estímulo às práticas sociais de leitura;
- h) Expansão permanente do número de salas de leitura e ambientes diversificados voltados à leitura;
- i) Identificação e cadastro contínuos das ações de fomento à leitura em curso no país;
- j) Identificação e cadastro contínuos dos pontos de vendas de livros e outros materiais impressos não periódicos;
- k) Elevação significativa do índice de empréstimos de livro em biblioteca (sobre o total de livros lidos no país);
- l) Aumento do número de títulos editados e exemplares impressos no país;
- m) Elevação do número de livrarias no país;
- n) Aumento da exportação de livros; expansão do número de autores brasileiros traduzidos no exterior;
- o) Aumento do índice *per capita* de livros não didáticos adquiridos; ampliação do índice de pessoas acima de 14 anos, com o hábito de leitura e que possuam ao menos dez livros em casa;
- p) Estimular continuamente a criação de planos estaduais e municipais de literatura;
- q) Apoiar o debate e a utilização de *copyrights* não restritivos (*copyleft* e *creative commons*), equilibrando o direito de autor com direitos de acesso à cultura escrita;
- r) Assegurar o acesso a pessoas com deficiência, conforme determinações da legislação brasileira e dos imperativos conceituais e objetivos expressos no amplo direito à leitura para todos os brasileiros contidos neste Plano.

Por fim, com todos esses dados, metas, objetivos e contribuições dadas para que esse plano para o livro e leitura no Brasil se concretize, o PNLL se descreve como:

Conjunto de projetos, programas, atividades e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas em desenvolvimento no país, empreendidos pelo Estado e pela sociedade. A prioridade do PNLL é transformar a qualidade da capacidade leitora do Brasil e trazer a leitura para o dia a dia do brasileiro (PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA, 2006).

2.2 Mediação de Leitura

A mediação de leitura consiste na ação de ler para outro sem qualquer fim ou interesse, apenas com o intuito de ler para o próximo. Contudo, quando bem exercida, esta atividade pode se tornar mais do que isso; torna-se uma ação em que o mediador transmite, não só as palavras de um texto, mas transmite a emoção, sua paixão e excitação tanto no que está lendo quanto no ato da leitura. Os familiares deveriam ser os primeiros a apresentarem a literatura de forma natural e lúdica, a qual ajudaria a desenvolver valores morais para o futuro. Porém, em decorrência da economia da maioria das famílias, cabe aos educadores e professores fazer o elo das crianças com o mundo literário. Faz-se necessário um trabalho em conjunto entre educadores e/ou professores e bibliotecários, pois estes, últimos são um dos mais aptos a expor a abrangência da literatura de forma mais informal e natural, já que, não cobram e nem avaliam, podendo ter um diálogo mais aberto e liberal.

As palavras de Barros, citadas por Rezende (2006, p), podem ilustrar essa afirmativa.

Entre você e eu, entre o mundo e nós, a palavra. Ela permeia nosso estar no mundo e ao mesmo tempo nos liga a ele e a nós mesmos. A palavra, que chega para ficar, ou aquela que mal dá tempo de olhar. No mundo das letras, dos caracteres, das palavras, frases, sentidos, silêncios, expressões e omissões, há o nosso aproximar-se ou a manutenção da distância. Por vezes – quase sempre, parece – para chegar-se a esse universo há que se ter mediação; carecemos da presença do outro. (BARROS apud, REZENDE, 2006).

O ato da leitura de um indivíduo para outros não é novo, era comum pessoas lerem em voz alta para o próximo. Maridos liam para suas esposas, pais para seus filhos, professores para alunos. Esta ação é chamada de mediação de leitura. A atividade de mediação de leitura, por sua vez, é uma técnica onde o contador se torna o professor e familiar com isso, se torna mais próximo para construir a ponte entre livros e leitores. Assim, se constrói uma interação entre leitor e o contador, ou seja, é quando o mediador faz com que o leitor se interesse mais pela leitura, que por sua vez, se torna mais atrativa.

Contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, onde enredo e personagens ganham vida, transformando tanto narrador

como ouvinte. Deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura do mundo na trajetória de cada um (SOUZA, 2000, p. 7).

2.2.1 Mediação de Leitura & Formação em Biblioteconomia

Nas bibliotecas, principalmente as públicas e as escolares, é onde se encontram, em geral, as pessoas que não podem adquirir livros, por terem um alto custo; assim, a biblioteca se torna um local onde a atividade de mediação de leitura deveria ser um dos focos, para que as diversas informações sobre os mais variados assuntos fossem mais disseminadas e para que o gosto pela leitura seja mais transmitido para os usuários de uma forma mais leve e prazerosa para todos. Para que se tenha sucesso nessas iniciativas de mediação de leitura, é vital que os conhecimentos dos educadores e bibliotecários se mesquem, assim, as práticas pedagógicas combinadas com a organização dos acervos e a leitura técnica voltadas para a atividade referida, atingirão seu objetivo com sucesso.

A leitura técnica é um instrumento fundamental para os profissionais bibliotecários, ou seja, a interpretação adequada é o que torna o bibliotecário eficiente na maioria de suas atividades. Para um programa voltado para a disseminação da leitura, seja com o objetivo principal o lazer ou a terapia, o bibliotecário precisa estar presente em tal programa; é ele quem tem o conhecimento sobre a literatura adequada para cada tipo de usuário/alvo. Sendo assim, o Projeto Biblioteca Viva em Hospitais, que é o estudo de caso do presente trabalho, tem como principal agente uma bibliotecária (RUSSO, 2011).

2.2.2 Projeto Biblioteca Viva

O Programa Biblioteca Viva (PBV) foi implantado em instituições voltadas para crianças e jovens como creches, abrigos, ONGs, entre outros; tem o intuito de possibilitar o contato dessas crianças e jovens com o universo literário. Essas instituições recebiam diversas doações de livros selecionados; assim, o acervo tornava-se cada vez mais diversificado e interessante aos jovens e aos pais. Com o passar do tempo de projeto, os pais notavam a mudança comportamental de seus filhos, que por sua vez, procuravam ainda mais os livros, e na escola havia melhora com a leitura e a escrita.

O PBV existe em inúmeros lugares do país e possui um variado campo de atuação. Há projetos com o foco em jovens em conflito com a lei ou em situação de rua; nesse caso, o projeto se tornou um elo entre jovens e educação. Muitos desses jovens não frequentaram escolas ou, às vezes, frequentaram, mas não obtiveram sucesso e abandonaram e possuem dificuldades de leitura, interpretação e escrita. O projeto une esses jovens com a literatura e com sua própria família; eles se interessam pelos livros e se tornam mais calmos e aptos a um convívio mais saudável com a sociedade e seus familiares, como demonstram os depoimentos apresentados a seguir.

[...] Cleo não consegue ter certeza se o filho é ou não usuário de drogas. Porém, muitas vezes, tem um sentimento de raiva em relação a ele e, quando isso acontece, sente que o filho afasta-se dela. O assunto mobiliza sentimentos de raiva que os pais têm diante do comportamento inadequado dos filhos. [...] Volto com o livro Mamãe, você me ama? de Bárbara M. Joose. O grupo se aproxima para acompanhar melhor o desenrolar da história e, enquanto leio, sinto que todos vão se emocionando. Pedro comenta que seus sentimentos em relação ao filho são semelhantes aos da mãe, personagem do livro. Ana e Joana ficam caladas, mas seus olhos estão cheios de lágrimas. Rita relata que seu filho lhe perguntou se gostava dele como gostava antes (da sentença judicial). E ela diz que lhe respondeu que agora gostava mais, porque lutou muito para ele voltar para casa (FUNDAÇÃO ABRINQ, 2001).

Outro ambiente em que o PBV foi implantado foi nas escolas. No caso das escolas urbanas, o intuito do projeto é fazer as crianças terem o contato com o livro, mas sem ter aquele peso do dever. Nas escolas, principalmente, públicas, as bibliotecas são lugares para onde as crianças vão quando se comportam mal ou vão para única e exclusivamente fazerem uma tarefa obrigatória. O projeto visa tirar essa impressão da biblioteca, na medida em que muitos casos a biblioteca escolar é o único lugar que possui um acervo onde a leitura pode ser disseminada.

O projeto também foi implantado em escolas de áreas rurais, onde grande parte das crianças não tem contato com bibliotecas ou outros espaços culturais. Crianças dessas áreas mais isoladas, geralmente, têm pais que não tiveram contato com a leitura e nem frequentaram a escola. Com o projeto, os pequenos se empolgam e leem para seus pais.

O Programa Biblioteca Viva ampliou seu campo e começou a atender, também, crianças e jovens portadores de necessidades especiais, como autistas, psicóticos, pessoas com deficiência auditiva, síndrome de Down e com atraso no desenvolvimento psicomotor e de linguagem. A mediação para esse público é desenvolvida pelos próprios profissionais, que atendem a essas crianças como psicanalistas, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, entre outros. Os profissionais notaram uma melhora significativa com uso da mediação. As crianças

e jovens reagiram das mais variadas formas à mediação e o interesse pelo livro e pela leitura cresceu, o que a aproximava mais do profissional, tornando mais fácil o seu tratamento.

Outro local de atuação do PBV são os espaços públicos, como parques, jardins ou praças, que são escolhidos pelos mediadores e ali eles arrumam os livros para quem quiser ouvi-los. É um pouco diferente dos demais locais de atuação, no caso das instituições, pelo fato de que as pessoas que estão ali serem pessoas que vieram passear, brincar, relaxar, descansar, por acaso, e não imaginam encontrar pessoas dispostas a lerem histórias. Os mediadores não têm vínculos com as pessoas que ouvirão suas histórias, na verdade nunca a viram. Mas, mesmo sem conhecerem, é prazeroso para os mediadores as reações positivas que os livros trazem e a satisfação de possibilitar o contato de várias pessoas com o mundo literário, como apresenta a citação a seguir:

A situação de leitura em espaços públicos ocorre de forma diferente da que acontece na instituição. Os mediadores estão disponíveis para ler para crianças que estão passeando ou brincando no local e que não os conhecem nem se conhecem entre si. Eles têm que estabelecer um primeiro contato e conquistá-las para iniciar o trabalho de mediação. Em geral, as crianças estão acompanhadas dos pais e já se constatou que eles, muitas vezes, retornam com as crianças para participar da atividade. Como são espaços abertos, muitos adultos também se aproximam e observam o desenvolvimento da mediação. Muitos demonstram gostar da leitura até mais do que as crianças, e isso pode significar que ficam estimulados a ler para seus filhos (FUNDAÇÃO ABRINQ, 2001, p.28).

O acervo do PBV é caracterizado pela diversidade. O projeto contempla muitas pessoas em vários tipos de lugares. Por isso, o acervo é bem diversificado, afim de, atender a todos os gostos dos leitores ouvintes. O Acervo possui obrasque abordam poesia, ficção científica, romance policial, suspense, contos de terror, mistério, histórias de amor e do cotidiano. Conta, também, com obras clássicas de literatura nacional e internacional, e com livros sem texto, somente com figuras, para a interpretação de imagens. “O livro de imagem, ao permitir a invenção de diferentes textos, a partir de uma mesma narrativa visual, estimula a diferença e o respeito pela diferença, sem o que não há democracia.” (CAMARGO apud FUNDAÇÃO ABRINQ, 2005, p. 60).

O projeto de mediação de leitura Biblioteca Viva está dando resultados positivos, pois, cresce e se dissemina a cada dia mais. Há mais formação de mediadores e a leitura entra cada vez mais na vida dos brasileiros.

Por intermédio da mediação da leitura do contato com a literatura, as pessoas organizam melhor seus pensamentos, se expressam mais e com maior clareza. Passam a falar a seu próprio respeito e a pensar em um universo mais amplo, vislumbrando a possibilidade de transformar seu cotidiano e ampliar seus projetos de vida. Uma mudança qualitativa se verifica nas pessoas, tanto do ponto de vista pessoal quanto na sua relação com as demais (FUNDAÇÃO ABRINQ, 2005, p. 63).

O Projeto Biblioteca Viva em Hospitais (PBVH), foi desenvolvido graças a uma parceria entre a Fundação Abrinq e o Citibank, que se uniram ao Ministério da Saúde, a fim de levar os livros para os hospitais públicos. Tem como principal foco a humanização do ambiente hospitalar, que por sua vez, torna-se muito pesado, principalmente para as crianças; as pessoas que as veem com frequência são os enfermeiros e médicos que vão para verificar como estão e/ou quando precisam fazer exames ou passando mal; não há um contato com as crianças em si e sim com os pacientes ali necessitados de cuidados. O PBVH leva a essas crianças não somente os livros, mas também um universo cheio de aventuras e curiosidades para serem exploradas e descobertas. O momento da leitura em hospitais é muito importante para a criança, pois é onde ela, de fato, se revela, com suas curiosidades e imaginação fértil. “A doença amadurece a criança. Ela não pode dizer não para o remédio, para o médico. Quando abrimos espaços para o imaginário, a escolha, a opinião da criança aparece.” (FUNDAÇÃO ABRINQ, 2001).

Além da humanização do ambiente, o PBVH possui alguns outros objetivos adjacentes como: contribuir para a preservação da saúde psíquica das crianças, que se não for acompanhada, pode ser afetada com a estadia longa dependendo do tratamento. A aceitabilidade da criança ao tratamento aumenta com a ajuda da leitura. A interação entre crianças e familiares com os médicos e enfermeiros leva a leitura para pessoas sem acesso a ela.

Os livros pertencem às crianças o contato com outras visões de mundo, e elas podem, com isso estabelecer relações com sua realidade. Ouvir histórias mobiliza emoções, a imaginação, a fantasia e, ao mesmo tempo, faz pensar na própria realidade. E é pensando na própria realidade que se pode transformá-la (MOURA apud ABRINQ, 2004, p. 32).

Com a mediação de leitura, houve uma melhora significativa das crianças, pois com esta ação elas aceitam com mais facilidade os cuidados como remédios; por exemplo, antes havia uma relutância para tomá-los ou fazer exames, os enfermeiros e médicos notaram que as crianças estão mais aptas a aceitarem o tratamento depois que o projeto foi implantado.

Numa instituição que possui uma rotina intensa de funcionamento e um volume muito grande de pessoas trabalhando e circulando em suas dependências, a introdução de um projeto que interfere nessa rotina causa, em um primeiro momento, certo estranhamento, exigindo uma adaptação dos funcionários. Convivendo com os mediadores de leitura em atividade durante o atendimento à criança, os profissionais da área da saúde percebem que sua atuação é facilitada, pois há uma maior aceitação de sua pessoa e, com frequência, do tratamento (ABRINQ, 2001, p.25).

2.3 Biblioterapia

A palavra biblioterapia vem do grego *biblion*, que significa materiais bibliográficos ou de leitura e a palavra *therapein*, que significa tratamento. Em 1916, Samuel Mechord Grother criou o termo biblioterapia, porém a nova palavra demorou a ser aceita e várias sugestões para a substituição da mesma foram feitas, como: “Biblio”, que significaria, diagnóstico para avaliação, ou “Bibliofilaxia”, que significaria, uso preventivo pela leitura. Entretanto, em 1941, a palavra biblioterapia já havia se tornado popular e, a partir daí, adquiriu a definição: o emprego de livros e a leitura deles no tratamento de doença nervosa. E, em 1961, um dicionário não especializado definiu o termo como: uso de material de leitura selecionado, como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia (PEREIRA, 1996, p. 47).

Utilizando-se da biblioterapia na Psicologia e Psicanálise, Freud discorre sobre a importância da palavra no tratamento de seus pacientes.

“Tratamento psíquico” significa: [...] tratamento que tem origem na alma, tratamento – de perturbações psíquicas ou corporais – com ajuda de meios que agem primeiro e imediatamente sobre a alma do homem. Tal meio é antes de tudo a palavra e as palavras são o instrumento essencial do tratamento psíquico. O profano [...] pensará que lhe pedimos para acreditar em magia, no que não estará totalmente errado: as palavras de nossos discursos não são nada além de magia sem cor (FREUD apud OUAKNIN, 1996, p. 15).

No século XIX, nos Estados Unidos e na França, foram criados os primeiros cursos de Biblioteconomia, no Columbia College e na École des Chartes, respectivamente. Mas, foi em 1904 que a biblioterapia passa a ser uma disciplina da área.

A biblioterapia é uma técnica que utiliza a leitura e outras atividades lúdicas como coadjuvantes no tratamento de pessoas acometidas por alguma doença física ou mental, sendo aplicada como educação e reabilitação em indivíduos de diversas faixas etárias (RUSSO, 2011, Não paginado).

Vasquez (apud SEITZ, 2006, p. 17) define a biblioterapia como “um programa de atividades baseadas no processo interativo das pessoas que o experimentam. O material impresso ou não impresso, imaginativo ou informativo, é experienciado e discutido com ajuda de um facilitador”. Isto é, a biblioterapia é um conjunto de práticas com os mais variados materiais que auxiliam indivíduos necessitados de algum tipo de tratamento. Auxilia de diversos modos, por exemplo, pacientes internados em hospitais durante um longo período tendem a ficarem mais depressivos por terem que fazer tratamento, às vezes doloroso, ficarem muito tempo sem ver seus familiares, não terem um convívio social em escola ou trabalho, entre outros fatores. O material como livro, pode dar uma melhora no estado emocional de pacientes deste tipo. O corpo incapacitado não impossibilita a mente de viajar e conhecer novos lugares, culturas, pessoas, histórias e tempos e é exatamente isso que a biblioterapia realiza, traz emoção por meio dos livros.

Shrodes (apud CALDIN, 2001, p. 33) define Biblioterapia:

Como a prescrição de materiais de leitura que auxiliem a desenvolver maturidade e nutram e mantenham a saúde mental. [...] Objetivos: permitir ao leitor verificar que há mais de uma solução para seu problema; auxiliar o leitor a verificar suas emoções em paralelo às emoções dos outros; ajudar o leitor a pensar na experiência vicária em termos humanos e não materiais; proporcionar informações necessárias para a solução dos problemas, e, encorajar o leitor a encarar sua situação de forma realista de forma a conduzir à ação.

Com o auxílio da biblioterapia na medicina Shrodes (apud CALDIN, 2001, p. 34) prossegue:

A biblioterapia tem como objetivos: auxiliar o paciente a entender melhor suas reações psicológicas e físicas de frustração e conflito; ajudar o paciente a conversar sobre seus problemas; favorecer a diminuição do conflito pelo aumento da auto-estima ao perceber que seu problema já foi vivido por outros; prestar auxílio ao paciente na análise do seu comportamento; proporcionar experiência ao leitor sem que o mesmo passe pelos perigos reais; reforçar padrões culturais e sociais aceitáveis, e, estimular a imaginação.

Sendo assim, os pacientes que começam a ter um contato com a biblioterapia se tornam mais receptivos ao tratamento e com outros pacientes. O ambiente pesado do hospital se torna mais leve e suportável, já que podem ter um relacionamento mais afetivo não apenas com outros pacientes, mas com o próprio livro, o que antes não era possível por seus medos e anseios. “O leitor se identifica com a literatura e passa a interpretá-la. A interpretação é a junção da

explicação objetiva do texto e da sua compreensão subjetiva” (OUAKMIN, apud CALDIN, 2006, p. 36).

Com o passar do tempo a biblioterapia foi se modificando de acordo com seus usuários. Sua prática nos anos 30, por exemplo, era utilizada para esclarecer as doenças que atingiam os pacientes tratados e, o material usado na biblioterapia era voltado para a Medicina. Na sociedade moderna, há uma mudança tanto no material quanto nos pacientes que se beneficiam da biblioterapia. Não somente enfermos com problemas psicológicos, mas todos podem participar de ações de biblioterapia em seu tratamento. Com isso, o material se torna mais variado e com contexto educativo.

De acordo com Shrodes (apud CALDIN, 2006, p. 35) há três tipos de terapia de leitura: crescimento, com o objetivo de divertir e educar; a factual, com o objetivo de informar e preparar o paciente para o tratamento; e a imaginativa, com o objetivo de explorar os sentimentos e tratar os problemas emocionais dos pacientes.

A habilidade de biblioterapia tem a ver com a ação de aconselhamento de leitura, ou seja, ação da biblioteconomia envolvida com o serviço de referência. Essa ligação começou quando, em 1877, um empregado da Universidade de Harvard, chamado Justin Wilson, resolveu disponibilizar o acesso às prateleiras para os estudantes da universidade e, assim, permitiu a circulação dos livros (PEREIRA, 1996, p. 39).

No século XX, a Psicologia utiliza a biblioterapia com o termo “terapia de grupo”, que ganhou força ao longo da Segunda Guerra Mundial. Com a guerra, o número de indivíduos que necessitavam de cuidados psicoterapêuticos cresceu sobremaneira; então, a terapia em grupo foi uma alternativa que atendia o maior número possível de pacientes. Além disso, existiam psiquiatras que obtiveram mais sucesso na terapia em grupo do que na terapia individual.

A leitura em grupo permite aos pacientes uma interação com outros pacientes e com o material bibliográfico; ajuda na expressão de seus medos, anseios e angústias dos indivíduos. Caldin (2006, p.36) diz: “dessa forma, o homem não está mais solitário para resolver seus problemas; ele os partilha com seus semelhantes, em uma troca de experiências e valores”.

Caldin (2006, p. 42), com análises em projetos de biblioterapia em hospitais constatou que:

Histórias lidas a crianças amenizaram sua situação incapacitante e proporcionaram alívio temporário das dores e dos medos advindos da doença e do ambiente hospitalar. O resgate de sonho, do imaginário e do lúdico forneceu um suporte emocional às crianças enfermas. Os registros dos leitores de histórias corroboraram a eficácia da biblioterapia em explorar a literatura infantil como integradora no processo de cura que envolve mente e corpo.

De acordo com Pereira (1996, p. 37) uma pesquisa realizada por Beijamim Rush, aponta que todos os hospitais devem ter sua própria biblioteca para o entretenimento e possuir dois tipos de leitura para os pacientes. Uma que forneça aos pacientes diversão, principalmente livros sobre viagens, pois entende que este tipo de literatura era divertida para os enfermos que estavam internados há muito tempo; e um o outro que aborde assuntos filosóficos e religiosos.

Pereira (1996, p. 51) ainda afirma que há três tipos de biblioterapia, seguindo os especialistas da área: a Biblioterapia Institucional, Biblioterapia Clínica e Biblioterapia Desenvolvimental.

A Biblioterapia Institucional é uma leitura didática e individual, onde os textos são informativos e recreativos e, geralmente, são usados para pacientes com doenças mentais. A leitura é prescrita pelo médico e exercida por um bibliotecário. Essa forma de biblioterapia não é comum hoje, porém, há alguns programas com essas características.

A Biblioterapia Clínica é uma literatura imaginativa, onde a leitura é voltada para pessoas com transtornos emocionais ou comportamentais. É realizada em grupo as quais são, geralmente, liberadas pelo trabalho, e realizada em conjunto pelo médico e pelo bibliotecário; ou seja, os profissionais consultam um ao outro para a atividade de leitura ser realizada de acordo com as necessidades daquele grupo de indivíduos.

A Biblioterapia Desenvolvimental é uma leitura didática e imaginativa voltada para pacientes com ausência de problemas mentais ou emocionais. Realizada também em grupo e liderada, em geral, pelo bibliotecário. Tem o intuito de conservar a saúde mental em momentos de dificuldade, como internação em hospital, divórcio, morte etc.

Quando se pensa em livros, automaticamente, vem à imagem a instância da biblioteca, que, por sua vez, tem como seu personagem principal o bibliotecário. Na terapia com livros, não

poderia ser diferente, é necessário e imprescindível o envolvimento do bibliotecário com tal ação; assim, conhecendo os pacientes pode personalizar a leitura de acordo com a necessidade de cada indivíduo.

Um leitor pode identificar-se com um personagem ou com experiências específicas num livro e ser capaz de purificar-se de sentimentos ou pensamentos reprimidos. O leitor também pode ganhar com a leitura, tornando-se capaz de recuar e aceitar a realidade mais prontamente. Ao ler e aprender que um problema não é único, o problema parece menos amedrontador. O leitor pode conseguir um sentimento de universalidade, com a percepção de que não está sozinho com seus problemas no mundo e de que pode também ajudar a reduzir os sentimentos de inferioridade porventura existentes (PEREIRA, 1996, p. 64).

Kinney apud PEREIRA (1996, p. 70), afirmou em seu artigo sobre “educação do biblioterapeuta”, que para um indivíduo ser um profissional competente em biblioterapia, ele deve ser no mínimo graduado em Biblioteconomia. Ter seus conhecimentos e experiências em bibliotecas para que possa aprofundar seus saberes e terem uma cultura bem abrangente em literatura. Além da Biblioteconomia, o biblioterapeuta precisa ter noções de técnicas e princípios em Psicologia, para poder avaliar o estado emocional a partir das reações de seus pacientes, assim podendo indicar as melhores literaturas para cada paciente de acordo com a necessidade do mesmo.

Aliadas a isso o tempo de convivência com os pacientes torna o bibliotecário ou o biblioterapeuta cada vez melhor no que faz, acaba se tornando conhecedor dos problemas que podem acontecer com os indivíduos e a melhor maneira de auxiliar com os livros; é o tempo de experiência que o tornará um profissional mais completo.

A arte de Biblioterapia não pode ser ensinada; as qualidades dentro da arte depende [sic] da prática e não de preceitos. Nós adquirimos conhecimento profissional através do estudo, mas a Biblioterapia, que é uma arte, deve ser aprendida por experiência. (TEWS apud PEREIRA, 1996, p. 70).

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho foi de natureza qualitativa, utilizando os seguintes instrumentos: I) entrevistas; II) observação participante e não participante.

As entrevistas foram aplicadas a nove responsáveis e crianças pacientes do IPPMG/UFRJ como forma de estabelecer uma troca de informações com pais e responsáveis, assim como com as crianças a respeito do projeto, e se o mesmo é percebido de maneira positiva ou negativa.

Na observação participante, a autora deste trabalho atuou na atividade de mediação de leitura para pacientes internados na enfermaria (oito crianças) e para pacientes do ambulatório (quatro crianças), com o intuito de estar no lugar dos mediadores e fazer a ponte entre crianças e livros. Esta atividade foi realizada com a finalidade de atingir dois dos objetivos específicos do presente trabalho. (a, b).

Na observação não participante, a autora pode averiguar as reações e a receptividade das crianças com relação aos mediadores e os livros empregados. Também, foram realizadas conversas informais com alguns médicos e enfermeiros sobre a leitura para os pacientes.

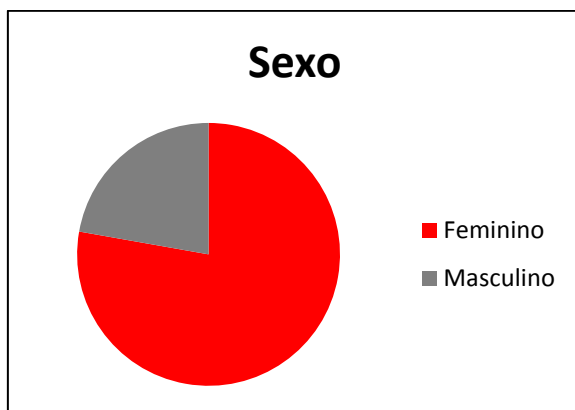
Aproveitou-se de algumas atividades de mediação de leitura, nas enfermarias e nos ambulatórios, para analisar o comportamento dos mediadores no momento da mediação, suas reações, ações e emoções no ato da leitura para as crianças.

Com o propósito de atingir o objetivo específico, que focaliza a seleção do acervo para aplicação do projeto (c), foi realizada uma entrevista com a coordenadora do projeto; com isso foi possível: estudar o acervo do Projeto Biblioteca Viva no IPPMG; conversar informalmente com mediadores para saber como são seus requisitos para a escolha dos livros que serão levados para os pacientes e; como o acervo foi adquirido pelo projeto.

4 RESULTADOS

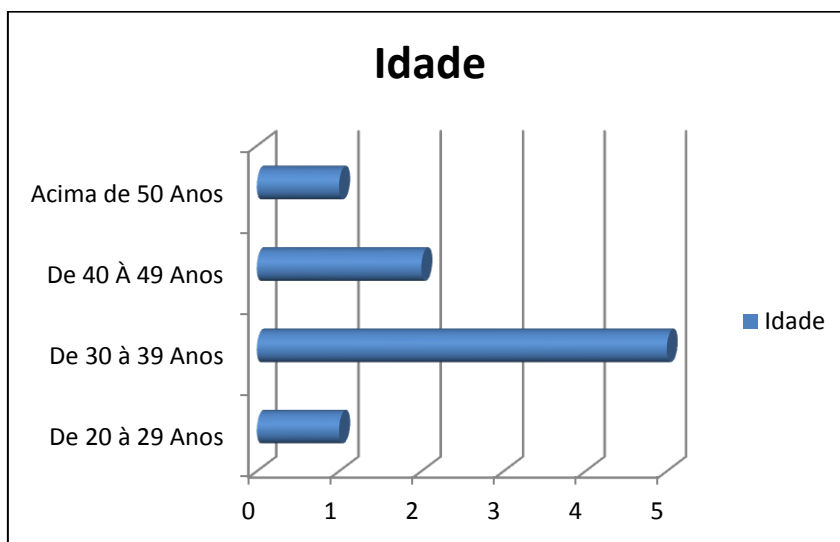
Os resultados da aplicação dos instrumentos metodológicos serviram de base para elaborar os gráficos 7 a 11, apresentados a seguir.

Gráfico 7 - Sexo dos Entrevistados



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 8 – Idade dos Entrevistados



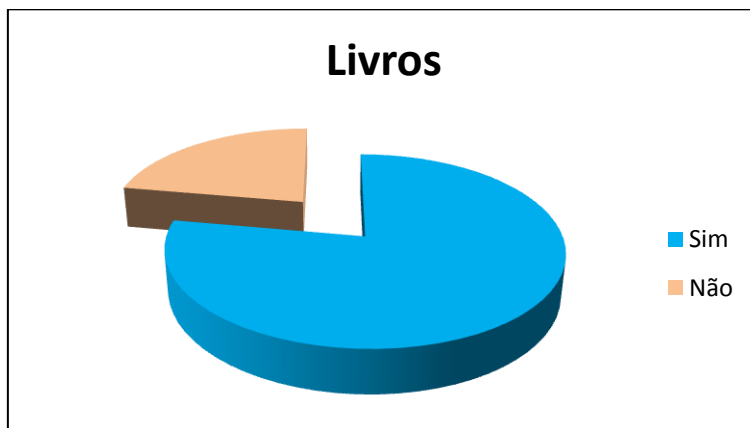
Fonte: Elaboração própria

Gráfico 9 – Escolaridade dos Entrevistados



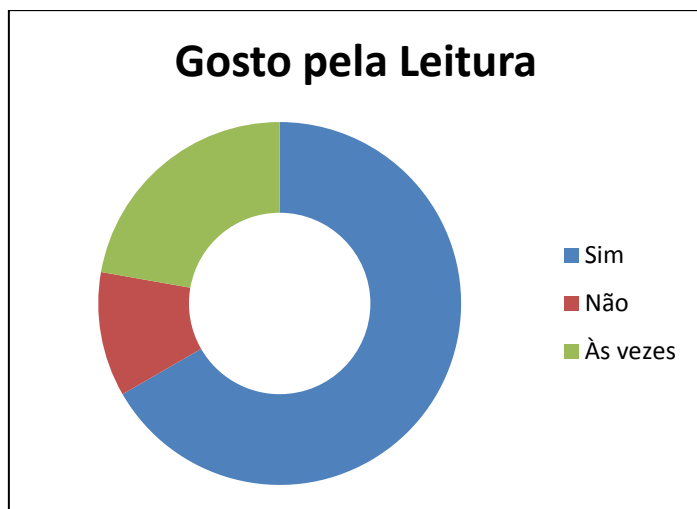
Fonte: Elaboração própria

Gráfico 10 – Posse de livros dos Entrevistados



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 11 - Interesse pela Leitura dos Entrevistados



Fonte: Elaboração própria

Como observado nos gráficos 7 e 8, a maioria dos responsáveis pelos pacientes entrevistados eram mulheres e com idades entre 30 e 39 anos. No gráfico 9 sobre a escolaridade destes, verifica-se que grande parte não concluiu o ensino fundamental, alguns não passaram da 4ª série. O gráfico 10 a maioria afirma ter livros em casa, e alguns disseram, que possuíam os livros por causa dos estudos dos filhos. Gráfico 11 pode-se averiguar que a maioria gosta de ler, a pergunta foi realizada a fim de saber do interesse da leitura, não somente do livro especificamente, mas de materiais em geral, como revistas, jornais, entre outros. A resposta foi positiva, as pessoas gostam de ler jornais, a maioria se interessa pelas notícias a sua volta e dão preferência ao material escrito.

No acervo constam variados livros infantis, com temas também diversificados. Os mediadores, por sua vez, escolhem os livros de forma livre, dão preferência aos livros que não ainda não leram ou que não leem há algum tempo. A coordenadora do Projeto tem seu acervo catalogado e organizado em prateleiras com fácil visualização e manuseio, a fim de, facilitar a escolha dos mediadores no preparo para a leitura; a coordenadora possui um catálogo em meio eletrônico para ter o controle total de seu acervo, assim, tem a facilidade de fiscalizar os livros que chegam por meio de doações e verificar os livros que serão comprados para o PBV.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Biblioteca Viva no IPPMG, tem como foco o lazer para as crianças internadas para confortá-las e dar um pouco mais de diversão em sua passagem no hospital, seja longa ou curta. Porém, se torna, mesmo que não seja o objetivo, um projeto de biblioterapia, pois sim, melhora a qualidade de vida dos pacientes dando-lhes mais estímulo para seguir em frente e não desistirem de seu tratamento. Nos casos de internação mais duradoura, é notável a influência positiva que, não somente os livros causam, mas também os mediadores causam. São vários os pacientes que esperam a hora dos mediadores chegarem para contar histórias, mesmo os que não estão esperando, param para ouvi-los com atenção de olho nas páginas coloridas ativando sua imaginação com as figuras dos livros e as palavras proferidas pelo mediador e todo aquele universo dos livros e da leitura vão ganhando mais graça, cor, alegria, felicidade. O PBV não leva apenas o lazer para as crianças mas, também, mostra um mundo que precisa ser descoberto por esses que amanhã vão descobrir e desvendar por eles mesmos o universo maravilhoso da leitura e dos livros.

Para que esses e mais tantos outros continuem desvendando o mundo literário, se tornem bons leitores e construam um país melhor, é necessário que os programas, sejam de mediação de leitura ou de biblioterapia, beneficiados pelo PNLL sejam multiplicados. Ações como a do PBV podem ser realizadas em diversos ambientes, então, o governo precisa dar mais incentivo para que estas se multipliquem cada vez mais para nos tornarmos um país de leitores.

REFERÊNCIAS

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: Biblioterapia. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.pp/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200>. Acesso em: 22 out. 2011.

CAMARGO, Kelly Cristina de M. Caminhando sobre dados. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (Coord.). **Retratos da leitura no Brasil: olhares e reflexões**. [Campinas]: Unicamp, 2011. p. 27-30.

FEIJÓ, Mário. **As adaptações de clássicos para crianças na primeira metade do século XX e a nacionalização do livro escolar no Brasil**. [2002?]. Rio de Janeiro, [2002?].

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Biblioteca viva: fazendo histórias com livros e leituras**. São Paulo: Fundação Abrinq, 2005.

MOURA, Tatiana Dias de. **A Literatura infantil na Pedagogia hospitalar**. 2004. 61 f. Monografia – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

A TRAPAÇA DA APROVAÇÃO AUTOMÁTICA 2009. Disponível em: <http://www.mepr.org.br/jep/10/28.html>. Acesso em: 07 jan. 2013. Publicado pelo Movimento Estudantil Popular Revolucionário.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Paris: Loyola, 1996. 341 p.

PAIM, Amanda Batista. Caminhando sobre dados. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (Coord.). **Retratos da leitura no Brasil: olhares e reflexões**. [Campinas]: Unicamp, 2011. p. 5-9.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1996. 105 p.

PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA (PNLL). 2012. Disponível em: <www.pnll.gov.br>. Acesso em: 23 nov. 2006.

REZENDE, Lucinea A. **Leitura: mediação e mediador**. Revista Ciência da Informação, Londrina, v. 11, n. 2, jul/dez. 2006.

RUIZ, João Álvaro. **Leitura do conceito às orientações**. Disponível em: <http://www.pucrs.br/mj/artigo-36.php>. Acesso em: 22 out. 2011.

RUSSO, Mariza. O resgate dos bibliotecários. Revista Educação, Rio de Janeiro. Ago. 2011. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/150/artigo234660-1.asp>. Acesso em: 20 fev. 2013.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica**. Florianópolis: Habitus, 2006. 95 p.

SILVA, Ezequiel Theodoro da (Coor.). **Retratos da leitura no Brasil:** olhares e reflexões. Disponível em: <http://www.leituracritica.com.br/pesquisa11/pdf/cadernodereflexoes-retratosep175.pdf>. Acesso em: 22 out. 2012.

SOUZA, Lígia Maria Silva e; DUPAS, Maria Angélica. **Ler é prazer:** os projetos de incentivo à leitura da Biblioteca Comunitária da UFSCar. São Paulo: UFSCar, 2000. Disponível em: <snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/poster019.doc>. Acesso em: 28 ago. 2012.